



NEGRO TEMA, NEGRO VIDA, NEGRO DRAMA: ESTUDOS SOBRE MASCULINIDADES NEGRAS NA DIÁSPORA

Alan Augusto Moraes Ribeiro

Universidade Federal do Oeste do Pará

alanaugustoribeiro@yahoo.com.br

Deivison Mendes Faustino

Universidade Federal de São Paulo

sdeivison@hotmail.com

Resumo:

Procuramos reunir neste artigo um conjunto de estudos publicados em língua portuguesa e língua inglesa que tratam do tema masculinidades negras. Ao fazer esta revisão, apresentamos uma análise sobre como este tema tem sido identificado e pensado nesta literatura, apontando para diferentes ênfases analíticas, que se relacionam com distintas abordagens interpretativas. Ao fazer essa sistematização, discutiremos sobre alguns textos que fazem parte deste conjunto de estudos para sugerir que estas identificações e pensamentos sobre homens e masculinidades negras são marcados por uma aparição colonial, um modo parcial, disforme e incompleto de descrever e refletir sobre como raça, gênero, classe, etnia, sexualidade e nacionalidade são articulados para falar sobre homens negros.

Palavras chave: Masculinidades negras – Diáspora – aparição colonial – interseccionalidade

Abstract:

We seek to gather in this article a series of studies published in Portuguese and English that deal with the theme of black masculinities. By doing this review, we present an analysis on how this topic has been identified and thought in this literature, pointing to different analytical emphases that are related to different interpretive approaches. In making this systematization, we discuss some texts that are part of this series of studies to suggest that these identifications and thoughts about black men and masculinities are marked by a "colonial appearance", a partial, deformed and incomplete way of describing and reflecting on how race, Gender, class, ethnicity, sexuality and nationality are articulated to talk about black homes.

Keywords: Black Masculinities – Diaspora – colonial appearance – intersectionality

Introdução: masculinidades negras como um tema?

Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição...
(Frantz Fanon, 2008)

O tema masculinidades negras está em alta? Uma consulta rápida a um dos mais famosos sites de busca aberta da internet utilizando os descritores “masculinidade negra” nos oferece o volumoso montante de 288.000 resultados. Óbvio que essa quantidade diminui ao passo que excluímos os espaços virtuais catalogados em apenas um dos descritores, mas, ainda assim, a quantidade de sites, blogs, artigos, livros e palestras é incontável, evidenciando a presença inequívoca do tema em espaços acadêmicos, políticos, entre outros consolidando um importante campo de estudos, reflexão e intervenção. Desde o seu surgimento, esse campo enfrenta o desafio de articular – ou pelo menos, aproximar – experiências, perspectivas e epistemes diversas e por vezes antagônicas.

Se do ponto de vista de uma alteridade cindida – elemento que mobiliza não apenas os movimentos identitários mas também toda uma agenda de pesquisa e de políticas – a população negra é o outro absoluto da população branca, assim como as mulheres são o outro absoluto dos homens, como classificar os homens negros nos jogos políticos de identificação? Se a experiência vivida das mulheres negras, subsumidas tanto pelo machismo quanto pelo racismo – e por que não dizer, capitalismo – as sujeitam a uma “dupla carência” (RIBEIRO, 2016) que as impedem de oscilar entre as funções de sujeito e objeto, configurando o que Kilomba chama de “outro do outro” (KILOMBA, 2008), os homens negros seriam os outros de quem Existiria uma resposta única e fixa a todos os homens negros? Se o gênero os afirma mas a raça os nega, esses homens têm ou não poder? E se tiverem algum poder assujeitado, seriam vítimas ou algozes? Estaríamos falando de um privilégio subordinado e precário (CONRADO & RIBEIRO, 2017), de um poder sem poder?

Sem a pretensão de responder a essas perguntas, esse artigo se propõe a apresentar um panorama geral do campo “masculinidades negras” explicitando algumas clivagens políticas e teóricas encontradas em seu interior. Para isso, iniciamos com uma problematização do negro drama, para em seguida apresentar uma proposta de sistematização para o campo. Esse artigo foi motivado pelo ciclo de debates Masculinidades e Feminilidades em Diálogos, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP entre os dias 25 a 26 de maio de 2017.

O Negro Drama

Negro drama
Entre o sucesso e a lama

Dinheiro, problemas
Inveja, luxo, fama

Negro drama
Cabelo crespo
E a pele escura
A ferida, a chaga
À procura da cura

Negro drama
Tenta ver
E não vê nada
A não ser uma estrela
Longe, meio ofuscada
Sente o drama
O preço, a cobrança
No amor, no ódio
A insana vingança

Negro drama
Eu sei quem trama
E quem tá comigo
O trauma que eu carrego¹
Pra não ser mais um preto fodido¹

“Como é a sensação de ser um problema?” Essa foi a pergunta feita ao sociólogo estadunidense Willian Eduard Burghardt Du Bois ([1902] 1999: 35) cuja resposta ele não pode apresentar sob exata formulação. Du Bois escreveu que “ser um problema” é uma estranha experiência de viver os “agradáveis despezos” de uma vida marcada por um “recíproco desdém” e uma limitação da vida à um insosso sicofantismo, ou seja, uma vida caluniada, mentirosa, ordinária e parasitada, enganadora, uma vida de homens negros reduzida “a um hostil silêncio ao pálido mundo que os cerca e ao escárnio, desconfiado de tudo que é branco; ou consumindo-se numa amarga lamúria” ([1902] 1999: 38). Para Du Bois, os “embates espirituais” por uma boa e nobre vida ocorreriam em uma terra onde “(...) a linha de cor separa amigos e colegas de trabalho” entre os “meio-homens”, “homens de cabeça grande”, “homens para a vida” e os “homens com uma causa e um objetivo” através de um verdadeiro véu ([1902] 1999: 37, 44, 49, 168, 217).

O *verdadeiro* problema, para Du Bois, não é apenas a questionável premissa que representa os negros como *problema* – já que para ele o negro não é um problema em si, mas sim, aos olhos do branco – mas o conjunto de relações de poder e subjetivação que aprisionam também o olhar do negro sobre si. Neste ponto, as reflexões sobre as masculinidades negras recebem um importante aporte: Ao se ver como problema, o negro desenvolve uma

¹ Trecho da música “Negro Drama”, do grupo de Rap Racionais Mc's (2002).

consciência duplicada de si (*double consciousness*) que aceita como seu o olhar distorcido daquele que o despreza (op. cit.). Para o filósofo jamaicano Lewis Gordon, a maior contribuição de Du Bois foi provocar a reflexão sobre a raiz social daquilo que faz o negro aparecer como problema, quando, na verdade, pelo menos em um primeiro momento, o problema lhe é exterior (GORDON, 2015).

Meio século depois, o psiquiatra e psicanalista martinicano Frantz Fanon, retoma as preocupações duboisianas em *Pele Negra, Máscaras Brancas* introduzindo um elemento até então pouco problematizado nas reflexões sobre as relações raciais: a dimensão do desejo. Ao perguntar “o que quer o homem negro?” Fanon expõe os dilemas subjetivos vividos em uma sociedade em que o *ser-para-o-outro* do negro² esbarra sempre nos incontornáveis véus da racialização. Ao buscar-se nos olhos do outro o negro enfrenta o drama de “tentar ver e não ver nada, a não ser uma estrela... longe, meio ofuscada” (RACIONAIS, 2002) tal como nos descreve Ralf Ellison:

Sou um homem invisível. Não, como um fantasma que assombrava Edgar Allan Poe, nem um desses ectoplasmas de filme de Hollywood. Sou um homem de substância, de carne e osso, fibras e líquidos – talvez se possa até dizer que possuo uma mente. Sou invisível, compreendam, simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver. Tal como essas cabeças sem corpo que às vezes são exibidas nos mafuás de circo, estou por assim dizer, cercado de espelhos de vidro duro e deformante. Quem se aproxima de mim vê apenas o que me cerca, assim mesmo, ou os inventos de sua própria imaginação – na verdade, tudo e qualquer coisa, menos eu. (Ellison, 1999)

O desejo pelo reconhecimento é um desejo pelo outro (Bhabha, 1996: 201), mas diante desse ser desejante “o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea...” (FANON, 2008: 105). Neste contexto, não apenas a dialética hegeliana encontra dificuldades para se efetivar (op. cit. p.175-184), como também os “jogos especulares” que falava Lacan. Frantz Fanon aponta para um mundo (colonial) no qual o homem negro é fechado em sua negrura (op. cit. p.27), uma negrura ambivalente e polissêmica, mas, ainda sim, uma negrura. Este é o ponto de discussão em torno do qual o complexo texto de Fanon desvela o que poderíamos ensaiar como aparições coloniais, ou seja, atribuições externas de significação identitária que interditam as próprias auto-explicações sobre si.

² Embora reconheçamos que o emprego da palavra “negro” não compreende, no texto de Fanon tanto os homens como as mulheres negras. Entretanto, dado o seu abrangente potencial analítico, utilizaremos o termo, de maneira mais restrita, como sinônimo de homem negro. Entretanto, é válido informar que linguagem masculina utilizada por Fanon foi objeto de reflexão crítica em autores como hooks (1996), Mercer (1996), Yong (1996) e Sharpley-Whiting (1997).

Fanon afirma que o negro – a quem analisa e ao mesmo tempo apresenta em primeira pessoa – chegou ao mundo desejando reconhecer-se como sujeito, “ser um homem entre outros homens” (op. cit. p. 106) mas, descobriu-se, paradoxalmente, apenas um “objeto em meio a outros objeto”, enclausurado em uma “objetividade esmagadora” (op. cit. p. 103). Diante desse esquema colonial e patriarcal, apenas o (homem) branco tem status de sujeito. O branco aparece como expressão universal daquilo que se entender por humano e aquilo que se entender por humano, em consequência, representado pela branquitude. *Ser* “humano” é ser branco e o negro (*não-ser*), sedento por encontrar-se no olhar de um outro que só vê a si mesmo (reconhecer-se é ser reconhecido) passa a desejar ser branco. Nestas condições, a busca para se fazer homem é ao mesmo tempo atividade de (auto) negação: “um constantemente vigiar e punir a própria aparição”, que resulta em “um jeito de ser ou existir no mundo, em que o negro, não importa o quanto se pinte, mutile ou se esconda em uma máscara branca, jamais alcançará” (FAUSTINO, 2014: 81).

Neste perambular, a “epidermização da inferioridade”, “a cissiparidade” (o comportamento racial duplo), a conduta de negro engraçado, burlesco e estriônico, a menos-valia psicológica e emocional, o “embranquecimento alucinatório”, a figura do “abandônico negro”, o “eretismo afetivo” (a aspiração em ser admitido no mundo branco), o ideal de virilidade absoluta, “o negro estrangeiro no mundo ocidental”, o aprisionamento ao “esquema racial epidérmico” e, sinteticamente, o “sentimento de inexistência” seriam algumas *aparições* impingidas aos homens negros da diáspora.

Estas aparições apontam para a articulação de raça, gênero, classe, sexualidade e nacionalidade na construção de um olhar parcial sobre como homens negros são masculinizados e racializados. Esta forma de interdito, aprisionamento simbólico, ocorre dentro de um esquema de pensamento colonial, aquele “círculo infernal” do qual fala Fanon, que articula categorias de diferenciação diversas para apresentar um corpo de um (homem) negro sem ontologia própria, em torno do qual reina um atmosfera densa de incertezas (Fanon, 2008: 104). Mas será que isso é tudo o que se pode dizer sobre os homens negros? Se o negro apenas emerge nesse cenário (colonial) como ausência ou inadequação de grande Outro branco (SOUZA, 1983)? Como falar de masculinidades negras de modo a perseguir o sujeito e não fugir dos predicados? Como falar de masculinidades negras sem cair no abismo da dicotomização colonial que elege ora o privilégio, ora a subordinação como escopos mutuamente excludentes e como chaves rígidas e exclusivas para destas posicionalidades de gênero e raça? Como falar da vida e não apenas falar do tema?

A trama entre o tema e a vida

A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal (FANON, 2008:109)

Discutir masculinidades negras é seguir os desafios do que Guerreiro Ramos (1995: 215) codificou como negro-vida, um sujeito que “não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme” e que se opõem ao “negro-tema”, “uma coisa examinada de fora”. Ao descrever uma prática persecutória vivida por homens negros que os identifica como seres “destituídos de todas as sensibilidades e sensatividades”, Henry Louis Gates Jr (2001: 245) parece dialogar longinquamente com a ideia “círculo infernal” de que fala Fanon, especialmente quando sugere a existência de uma narrativa pública que retrata homens negros como corpos ansiosos pela auto-realização e por um lugar de respeitabilidade patriarcal na vida pública que não se completa. Essas aparições fazem surgir outra armadilha: uma ideia também persecutória de pensar a auto-realização de ordem patriarcal do Eu entre homens negros que tem omitido outras maneiras de ser homem negro que tencionam esta ordem, bem como outros modos de pensar, ser e interpretar os paradoxos e contradições sobre si contra essa ordem.

Por vezes, a tematização dos (homens) negros como um problema se reproduz também nos espaços que procuram advogar em sua defesa. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (1964), de Florestan Fernandes, é um texto que também traz descrições do cotidiano da população negra dos cortiços em São Paulo, em finais do século XIX e começo do XX. Fernandes registrou que a não-integração dos negros no mercado de trabalho decorreu da ausência de habilidades funcionais necessárias deste grupo para competir pelos postos de trabalho na sociedade inclusiva, o que decorreria da “desorganização da 'família negra'” e da “debilidade econômica e institucional do 'meio negro' que tornavam inoperantes os mecanismos tradicionais de solidariedade grupal” (2008: 206). Reproduzindo crenças desta época, Fernandes acreditou que a ineficácia da família negra como instituição social integradora seria “fonte” de inconsistências na socialização dos indivíduos negros que os despreparavam para o sistema de ocupações industriais³. Os homens negros, em decorrência

³ A extensa pesquisa do historiador Clóvis Moura foi conclusiva ao revelar que essa micropolítica das relações econômicas não é pouco eficiente para explicar a desagregação social dos homens negros no período

disto, teriam sido os “trabalhadores volúveis”, “borboleteantes”, aqueles que “gostam de biscates ocasionais”, aqueles que “parasitam” economicamente mulheres negras (2008: 182).

Baseado nos “informantes do meio negro”, pode-se dizer que Fernandes fez um texto literal no qual as aparições de homens negros registraram que o “marginal” e o “criminoso” estariam entre aqueles homens negros que “escapavam à mediocridade arrasadora da sina comum” da sobrevivência nos cortiços, vistos como espaços de moradia nos quais se transmitiam ensinamentos de vícios morais e promiscuidades sexuais” (2008: 175). Os homens negros “marginais” e “criminosos” seriam os homens negros com poder do meio negro. Como descreve o antropólogo Rolf Ribeiro de Souza ao comentar a produção literária do final do século XIX:

O homem negro não é um homen. Como nos lembra Fanon (1983), no imaginário ocidental, um negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este imaginário é perceptível no modo como a masculinidade é representada na literatura, cinema, telenovelas, jornais, revistas e propagandas, inclusive nas oficiais. Nelas o tempos psíquico do negro macrofálico é retratado através de estereótipos que foram forjados durante anos até tornarem-se verdade, neste sentido, o livro *O cortiço* de Aluísio Azevedo, um clássico da Literatura brasileira publicado em 1890, é paradigmático (SOUZA, 2009:100).

Voltando aos personagens descritos por Florestan, os diferentes indivíduos que viviam nos cortiços, vê-se que os homens negros aparecem como aqueles que são vistos como “coleccionadores de cabaço”, “ganhões”, “bêbados inveterados”, “negros malandros”, “amantes de velhos brancos”, “espoliadores de mulheres”, “abusadores de menores”, “negros brim” ou como os “negros ordeiros” que não ameaçam ninguém, aqueles que sabem como ocupar os lugares a eles destinados pelos brancos. Na reprodução de ultrajes lançados neste período, homens negros aparecem como sujeitos centrais na “desorganização da vida sexual do meio negro”, surgindo dentro dos antigos cortiços como aqueles cuja masculinidade se fazia potente no exercício de habilidades eróticas apreendidas como instrumento de poder, exploração e subjugação de mulheres e crianças negras (Fernandes, 2008: 175-181).

posterior à abolição da escravidão. A sua pesquisa, disponível tanto em *Sociologia do negro Brasileiro* (1988) quando em *Dialética radical do Brasil negro* (1994) evidencia que no período escravista – já disputado ou coexistente com o trabalho livre - o negro ocupava a maioria absoluta dos postos de trabalho. Mas no Sul e no Sudeste esse cenário muda radicalmente após a abolição da escravidão, quando os pólos mais dinâmicos da economia brasileira passaram a rejeitar a mão de obra negra em detrimento da mão de obra de origem europeia. O ponto que queremos destacar no pensamento de Moura é que a referida desagregação familiar é resultado – e não causa – da forma pelo qual se estruturaram as relações de produção no Brasil. Para reforçar essa crítica, ver também: ANDREWS, George R (1998) *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)* São Paulo: EDUSC.

Gênero, Raça e Ascensão Social é um texto contundente de Sueli Carneiro (1995) no qual estas aparições de masculinidades negras são o mote central para que ela desenhe uma resposta também contundente à outro texto, escrito por Joel Rufino (1994), no qual ele compara mulheres negras e brancas, respectivamente, com fuscas e monzas, explicando que quem muda de um fusca (uma mulher negra), para um monza (uma mulher branca), muda de status social, deixa de ser um “pé-rapado”. Neste texto, mulheres e carros aparecem para o mundo masculino como signos de prestígio, assumindo uma aparição do masculino negro na relação com o feminino negro que ocorre através do que Joel Birman (2000) chama de “subjetividade decididamente estetizante”, na qual

O sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para o seu usufruto (...) o sujeito vive permanentemente em um registro especular, em que o que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. O outro serve-lhe apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetto quando não mais servir para essa função abjeta (Birman, 2000: 23)

A crítica de Sueli Carneiro é direcionada às ilusões de comparação feitas entre um homem negro que faz ascensão social com homens brancos poderosos econômica e politicamente. Para Carneiro, esta comparação guarda uma ansiosa e ilusória possibilidade de poder de escolha que permitiria a este homem negro poder, por exemplo, casar com uma mulher branca, algo que segundo ela seria, para aquele homem negro, a consagração de sua ascensão econômica. Ao destacar que o desejo de realização social de homens negros é um desejo de branqueamento via casamento, Carneiro registra que o “mito da ascensão social do homem negro”, é uma prática que tanto escamoteia “feridas narcísicas” e “complexos de castração”, como elide o que ela identifica como um poder por “delegação do branco de plantão”:

Qualquer homem negro no Brasil por mais famoso que seja ou por maior mobilidade social que tenha experimentado não tem poder real. Não é dono dos bancos, não tem controle das grandes empresas, não tem representação política ou reconhecida importância intelectual e acadêmica. Esses são os elementos concretos que investem de poder pessoas ou segmentos em nossa sociedade (Carneiro, 1995: 547)

Porém, aqui permanece uma dúvida. É possível afirmar categoricamente que a crítica feita por Sueli Carneiro neste texto é uma resposta crítica ao próprio Joel Rufino? Se tomarmos a fala dela como crítica ao autor, ao seu posicionamento político, teremos que aceitar incautelosamente que Rufino concorda pessoalmente com o que constata. Embora a afirmação de que mulheres e carros são “signos” de poder para homens seja discutível, a

crítica feita por Carneiro deve ser concentrada sobre o tipo de comparação feita (mulheres e carros), e não sobre as reações morais politicamente corretas que a comparação enseja entre ativistas e intelectuais negros. Em resumo, devemos olhar para Joel Rufino como um mensageiro contunde sobre uma mentalidade sexista e não como a própria mensagem indesejada que ele traz. Temos a impressão de que há um interdito para imaginar, descrever e inventar um discurso próprio sobre como estes projetos de masculinidades individuais e coletivos (CONNEL, 1995) são racializados como uma experiência tecida a partir de uma lógica própria que envolve a possibilidade de falar do prazer, do sofrimento e da dor.

Sem uma maneira de nomear nossa dor, nós também estamos sem palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental para os pensadores negros críticos tem sido a luta para quebrar com a hegemonia de modos de ver, pensar e ser que bloqueia nossa capacidade de ver oposicionalmente, de imaginar, descrever e nos inventar de modos que são liberatórios. Sem isso, como nós podemos desafiar e convidar aliados e amigos não-negros para arriscar um olhar sobre nós de modo diferenciado, para ousar quebrar seu olhar colonizador? (hooks, 1992: 02)

Esta tese de castração simbólica ainda é parte deste conjunto de dificuldades que dificultam um olhar não colonial sobre masculinidades negras. Esta tese tem sido reeditada e realocada em diferentes tentativas de discussão sobre homens negros. Patricia Collins (2004), apresenta uma sofisticada análise sobre como a circulação do que ela chama de imagens controladoras sobre homens negros em espaços de poder que lhes imputam posicionalidades políticas conservadoras que decorrem desta emasculação. Collins descreve uma imputação à homens negros de uma mimetização do conservadorismo político dos homens branco de camadas médias, na forma de imagens controladoras como “amigo negro” (“*Black Buddy*”) e “parceiro negro” (“*Black Sidekick*”)⁴. Esta imagem é direcionada aos homens negros de classe média sem a devida análise e observação das trajetórias que constituem estes vínculos de interesse, as ganhos materiais envolvidos e as narrativas dos homens negros sobre si. O olhar lançado aos homens negros em espaços de mando político e de poder institucional é feito através do seu suposto mandatário: um homem branco poderoso descrito arquetipicamente que concede residualmente poder a quem lhe interessar.

⁴ O “*Black Sidekick*” é uma imagem de um “parceiro negro” remunerado cuja incompletude social serve totalmente ao seu condutor: um homem branco poderoso, supostamente tolerante racialmente. Já o “*Black Buddy*” é o “amigo negro” cuja identidade masculina apresenta a lealdade como atributo principal para servir de modo dependente à realização da masculinidade de um homem branco. Ambos são personas desracializadas que aparecem de maneira dependente dos bens materiais e serviços políticos que estes homens brancos escolhem oferecer (Collins, 2004: 167-170).

A provocação de Rebecca Carson (2007) se insere neste ponto delicado ao suscitar debates sobre as dificuldades sociológicas acerca do conservadorismo político de homens negros em uma sociedade politicamente conservadora. Ela menciona algo como um “puritanismo intelectual negro” que dificulta a construção de uma postura analítica crítica que flexibilize o postulado no qual a vivência da opressão e da subordinação sócio-racial por diferentes indivíduos deve, forçosamente, torná-los sujeitos politicamente opostos à opressão e à subordinação, nunca subescrevê-las, nunca reproduzi-las. Rebecca Carson também nos lembra que em sociedades que encarceram em massa as populações negras, a tese da emasculação precisa explicar porquê homens negros são vistos como o grupo que carrega consigo um estigma poliforme: inabilitado, criminalizável, irrecuperável, quase-recuperável e reabilitável. Para ela, entre a “eficiência” de políticas prisionais de reabilitação e o encarceramento há um corpo masculino, negro e pobre que se reproduz institucionalmente. De todo modo, Sueli Carneiro nos permite identificar um tipo de comportamento individual que busca um fortalecimento material e um empoderamento simbólico dentro da lógica de competição desigual no capitalismo de maneira individualista, cujos vínculos afetivos podem ser instrumentalizados para si de modo utilitarista e teleológico. Em outras palavras, um comportamento completamente inserido na lógica de mercado. Joel Rufino, por sua vez, pode nos fazer querer saber como o mundo heterossexual negro na modernidade dos interesses econômicos e das disputas materiais e simbólicas precisa ser desvelado, pois esta realidade não é auto-evidente, tampouco vivida de maneira homogênea.

O trabalho de Kobena Mercer (1997) sobre a produção artística do fotógrafo Robert Mapplethorpe parece apontar para aparições de corpos masculinos negros de maneiras recorrentemente parciais, para apresentação de corpos totais como representações e significações de processos de subjetivação de homens negros que, a partir de uma fracionária observação da realidade que, busca tomar forma de verdade total, se autonomizando discursivamente diante desta realidade observada. Estas aparições carregam consigo um conjunto de significações ambíguas que congelam o fluxo da experiência social de homens negros, tornando-os diferentes, excessivos e reduzidos ontologicamente, homogeneizando-os. Para Mercer, estas representações parciais codificam a abstração instrumental que fazemos sobre os sujeitos como se fossem emanções espontâneas das subjetividades dos sujeitos; transferem subrepticamente os desejos e ansiedades dos autores da codificação para a vida dos sujeitos, exigindo-lhes um comportamento que confirme estas codificações; convencem um número grande de pessoas de que é desnecessário saber das narrativas sobre si, dos

discursos sobre si, dos sujeitos para os processos de textualização sobre estes mesmos sujeitos. Daí nossa dificuldade de entender as dinâmicas de diferenciação múltiplas entre homens negros que decorrem das vivências com diferentes grupos sociais, em diferentes espaços culturais e instituições políticas.

Frank Cooper (2006), um sociólogo de origem jamaicana atento às diferenciações entre grupos de homens negros escreve, por exemplo, que a hiper-heterossexualidade atribuída à homens negros é usada para engessar normas, mas não as práticas: muitos homens negros vivenciam o que chamamos de bissexualidade ou a própria homossexualidade, mas são silenciados e silenciam violentamente sobre isso. Cooper também chama a atenção para o fato de que a busca por ganhos materiais e simbólicos movidos por interesses egóticos, a procura pela realização social para si por meio de acesso à bens que transformam pessoas em investimentos, bem como a procura por alianças políticas e lucros econômicos, também atuam como motivações para relacionamentos afetivo-sexuais para homens negros, para pessoas negras. Em outras palavras: não devemos nos assustar ao constatar que a construção de planos e estratégias individuais de acesso à redes de relações capitalistas, de motivação utilitarista e mercadológica atue entre homens e mulheres negras ativamente, motivando-os a viabilizar ganhos econômicos. Metodologicamente, a pergunta de Jeremy Boussevain (1987: 206) é pertinente: se o comportamento decorrente da individuação é sistematicamente minimizado do raciocínio explicativo de uma certa situação social coletiva, sendo visto sempre como uma reprodução sistêmica, então ele não pode ser usado nos esforços de explicação dos comportamentos?

Por esta razão, acreditamos que é necessário estar atento para as armadilhas das aparições coloniais, apostando em desconstruções que sejam construções. Ou seja, quando as complexidades dos sujeitos são os objetivos da pesquisa e do debate político, a tarefa de mobilizar narrativas e discursos vindos do próprio sujeito nos possibilita criticar o que Charles Johnson chama de “(...) contornos e fenômenos supra-corporais vindos de fora” (2001: 231). Essa ideia é profícua para nos alertar sobre representações em torno de homens negros que os dispensam e os isentam. Isto não implica em procurar erroneamente por uma transparência direta do Eu, do que é o sujeito, uma busca, de certo modo, ingênua.

Significa poder ressaltar um conjunto de complexidades vividas por diferentes homens negros que devem estar presentes no que David Ikard (2002: 302) identifica como sendo uma “percepção multiposicional do ethos masculino negro”, concebendo homens negros como sujeitos política e culturalmente criativos e socialmente contraditórios. A noção de aparição

colonial é ainda presente na medida em que ela parece sancionar versões supostamente positivadas de “ser homem negro” dentro de grupos políticos que atravessam subrepticiamente os auto-relatos feitos por homens negros sobre si mesmos, subscrevendo ações, práticas e pensamentos violentos.

Uma possível sistematização

Tendo em vista a pequena, mas ao mesmo tempo, crescente produção em torno do tema masculinidades negras tanto na literatura de língua inglesa quanto na literatura de língua portuguesa, procuramos – sem a pretensão de exaustividade - selecionar e sistematizar alguns trabalhos que representam algumas importantes tendências presentes no campo. O quadro abaixo reúne alguns dos trabalhos que ou versam diretamente sobre masculinidades negras como um tema central de estudo ou fornecem reflexões significativas sobre o tema. O conjunto de textos que versam sobre masculinidade negra coligido para este ensaio apontam para três ênfases analíticas que atravessam três abordagens interpretativas descritas no quadro abaixo:

Quadro 1: estudos e pesquisas sobre masculinidades, raça, gênero e sexualidade

Abordagem	Trabalhos e Pesquisas
<i>Masculinidades negras: raça e gênero</i>	Willian Eduard Burghardt Du Bois (The Souls of the Black Folk, 1902) Frantz Fanon (Pele Negra, Máscaras Brancas, 1952) Florestan Fernandes (A integração do Negro na Sociedade de Classes, 1964) Robert Staples (Masculinity and Race: The Dual Dilemma of Black Men, 1978) Robert Staples (Black Masculinity: the Black Male's Role, 1982) Edmund Gordon (Cultural Politics of Black Masculinity, 1997) Herman Gray (Black Masculinity And Visual Culture, 1995) Michael Johnson (A Phenomenology of the Black Body, 2001) Ann Ferguson (Bad Boys: public schools in the making of black masculinity, 2001) Wladimir Rosa (Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro, 2009) Deivison Nkosi (O Pênis Sem o Falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo, 2014). Na'im Akbar (Visions for Black Men, 1991) Amos N. Wilson (Issues of Manhood in Black and White: An Incisive Look Into Masculinity and the Societal Definition of Afrikan Man, 2016) Frances Cress Welsing (The politics behind Black Male Effeminization, Bisexuality and Homosexuality, 1974)

Masculinidades Negras: gênero e raça	<p>bell hooks (Men: comrades in struggle, [1984] 2015)</p> <p>bell hooks (Sexism and the Black Female Slave Experience, 1985)</p> <p>bell hooks (Feminist focus on men: a comment, 1989)</p> <p>bell hooks (Reconstructing Black Masculinity, 1992)</p> <p>Kevin Powell (The Sexist in Me, 2001)</p> <p>Henry Louis Gates Jr. (Thirteen Ways of Looking at a Black Man, 2001)</p> <p>Martin Summers (Manliness & Its Discontents: the black middle class & the transformation of masculinity, 2004)</p> <p>Ronald Jackson & Celnisha Dangerfield (Defining Black Masculinity as cultural property: toward an identity negotiation paradigm, 2004).</p> <p>Rebecca Carson (Black Masculinity And Crime: Towards A Theoretical Lens For Seeing The Connections Between Race, Masculinity, And Crime, 2007).</p> <p>Raquel Souza (Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo, 2009)</p>
Masculinidades Negras: intersecção	<p>Cornel West (Keeping Faith, 1993)</p> <p>Sueli Carneiro (Gênero, raça e ascensão social 1995)</p> <p>Kobena Mercer (Reading Racial Fetishism, 1997)</p> <p>Cornel West (Black Sexuality: the taboo Subject, 2001)</p> <p>Michael Awkward (A Black Man's place in Black Feminist Criticism, 2001)</p> <p>Patricia Collins (Booty call: sex, violence, and images of Black masculinity, 2004)</p> <p>bell hooks (We Real Cool: black man and masculinity, 2004)</p> <p><u>Marília de Carvalho</u> (O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça, 2004a)</p> <p>Marília de Carvalho (Quem são os meninos que fracassam na escola, 2004b)</p> <p>Mark Anthony Neal (New Black Man, 2005)</p> <p>Frank R. Cooper (Against Bipolar Black Masculinity: Intersectionality, Assimilation, Identity Performance, and Hierarchy, 2006)</p> <p>Kiese Laymon (How to slowly kill yourself and others in America, 2013)</p> <p>Osmundo Pinho (The Black Male Body and Sex Wars in Brazil, 2014)</p> <p>Osmundo Pinho (Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil, 2014)</p> <p>Ta-Nehisi Coates (Between the World and Me, 2015)</p>

A primeira abordagem, aqui nomeada como *raça e gênero*, gira em torno de um “status sócio-antropológico da subordinação” a partir do qual se destaca as masculinidades negras como um primeiro plano de experiências de marginalização cultural, de sexualidades heterossexuais e homossexuais marcadas pelos estereótipos, de processos de dominação política, discriminação racial e exclusão espacial, pelo genocídio e pela letalidade física e pelas desigualdades econômicas. Entretanto, a centralidade da “raça” sobre o gênero não isenta esse grupo de divergências internas. Enquanto uma parte visualiza a literatura feminista como ponto de partida teórico para as suas reflexões e problematizações, a outra identifica essa mesma literatura como oposição e até ameaça à integridade do que se defende como masculinidades negras rejeitando assim o lexo e a episteme feminista. Embora menos expressiva que a primeira no âmbito acadêmico anglófono, essa segunda vertente, vem tendo relativa aceitação e circulação no meio ativista brasileiro, mas ainda não foram identificados estudos acadêmicos que ecoem essa produção.

A segunda abordagem favorece discussões sobre masculinidades negras articulando um “status sócio-antropológico do privilégio”. Termos como “privilégio de gênero”, “lucros e vantagens patriarcais” e “benefícios sexistas” são mobilizados para conceber homens negros como aqueles que são levados a dispensar relações afetivo-sexuais heterossexuais duradouras com mulheres negras, aqueles que vivenciam ressentimentos e rancores machistas que os fazem crer em ilusões de poder decorrentes da mobilidade social e do casamento interracial heterossexual, bem como expressam uma “frustração patriarcal” diante da incapacidade de prover materialmente a família e, por isso, usam a violência como instrumento de dominação física e emocional compensatório sobre mulheres, outros homens e crianças.

Há uma terceira abordagem analítica na qual as duas primeiras abordagens aparecem imbricadas e complementares, fortalecendo-se mutuamente e permitindo uma abordagem que destaque tanto as experiências sociais complexas difusas, contraditórias, paradoxais e descontínuas vividos nestas masculinidades negras, como os estereótipos de virilidade, coisificação sexual, brutalização, criminalização e suspeição criminal atribuídos aos homens negros como categorias perceptuais e imagens culturais (FERGUSON, 2000). Nesta terceira abordagem, o trabalho de conceituar o que Osmundo Pinho (2014b: 233) nomeia como masculinidades racializadas precisa discutir seriamente o que Mike Featherstone (1995: 80) chama de “uso idiossincrático da evidência, para sustentar a pretensão do eclipse da evidencialidade”, discutindo criticamente a utilidade metodológica do que se define como “experiência vivida”, noção que aparece em diferentes estudiosas e pesquisadoras do chamado feminismo negro interseccional (hooks, 1989: 44; 1990; 1991; 1993; COLLINS, 2000: 30; BRAH, 1996; 2006).

Algumas considerações

A presente sistematização indica que as masculinidades negras podem ser reposicionadas como práticas complexas e polissêmicas, como processos sócio-históricos ambivalentes, como relações de poder e práticas culturais contextuais, como processos de subjetivação multifacetados e como experiências tensas, difusas e diversas de socializações. Masculinidades negras, nesta abordagem, deixam de ser vistas dentro de comparações e hierarquizações de opressões que se apresentam como somatórios e aditivos de sofrimento social (COLLINS 1993: 36). Precisamos suplantarmos as aparições coloniais que traficam a dicotomização, a parcialidade e a polarização na análise. Precisamos produzir narrativas rigorosas e não auto-indulgentes sobre como nos tornamos homens e negros, e,

simultaneamente, pensar sobre nós mesmos como múltiplos, instáveis, multifacetados, conflitivos, tensos e, certas vezes, paradoxais e com interesses politicamente contraditórios e díspares.

Referências

- AKBAR, Na'im. Visions for Black Men. Mind Productions & Associate. 1992
- AWKWARD, Michael. A Black Man's Place in Black Feminist Criticism. In BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. (Ed.) Traps: African American Men on Gender and Sexuality (pp. 223-235). Indiana University Press, 2001
- ANDREWS, George R. Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988) São Paulo: EDUSC, 1998
- AZEVEDO, Thales de. As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classes sociais e grupos de prestígio. Salvador, EDUFBA, [1955] 1996.
- AZEREDO, Sandra. Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais. Revista Estudos Feministas, ano 2, Número Especial, p. 203-216, 1994
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. Brancos e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global Editora,[1955] 2008
- BARTELT, Dawid Danilo. A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2013.
- BANDEIRA, Lourdes. A violência doméstica: uma fratura social nas relações vivenciadas entre homens e mulheres. In Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública (p. 63-78). São Paulo: Perseu Abramo/SESC, 2013
- BOISSEVAIN, Jeremy. Amigos de Amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. A Antropologia das Sociedades Contemporâneas, São Paulo, Global, 1987, pp. 195-220
- BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.
- BHABHA, H. . Day by Day... with Frantz Fanon. In: Alan Read (ed.). The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation. Seattle: Bay Press,pp. 186-205, 1996.
- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileiro, 2000
- BRAH, Avta. Cartographies of Diaspora. Contesting identities. Routledge, London, 1996
- _____. Diferença, diversidade e diferenciação. Cadernos Pagu, n. 26, p. 329-376, 2006.
- _____. & PHOENIX, Ann. (2004) Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. Journal of International Women's Studies, v. 5, n. 3 (May), 75-86.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. Revista de Estudos Feministas, ano 3, Sem. 2, p. 544-552, 1995.
- CARVALHO, Marília. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. Cadernos Pagu, v. 22, p. 247-290, 2004a
- _____. Quem são os meninos que fracassam na escola? Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n.121, p. 11-40, 2004b
- _____. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 28, p. 77-95, 2005
- CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000
- CARSON, REBECCA. Black Masculinity And Crime: Towards A Theoretical Lens For Seeing The Connections Between Race, Masculinity, And Crime. Department of

- Sociology and Antropology of faculty of the College of Arts and Sciences of Ohio University (111 pp.) Director of Thesis: Thomas M. Vander Ven, 2007.
- CONNEL, Raewin. W. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, pp. 185-206, 1995.
- _____. La Organizacion Social de La Masculinidad. In VALDÉS, Teresa. & OLAVARRÍA, José. (Orgs.). *Masculinidad/es, Poder y Crisis*. Santiago: Flacso, pp. 31-48, 1997
- _____. *The Men and The Boys*. University Of California Press, 2000.
- _____.; MESSERSCHMIDT, James. Hegemonic Masculinity: Rethinking the concept. *Gender & Society*, December, n. 19, pp. 829-854, 2005
- COLLINS, Patricia. Learnig from the Outsider Within: the Sociological Significance of Black Feminist Thought. *Social Problems*, v. 33, n. 6, p. 14-32, 1986.
- _____. Toward a New Vision: Race, Class and Gender as Categories of Analysis and Connection. *Race, Sex & Class*, vol. 1, n. 1, pp. 35-45, fall., 1993.
- _____. Intersections of race, class, gender, and nation: some implications for black family studies. *Journal of Comparative Family Studies*. v. 29, n. 1 Spring, p 27-34, 1998.
- _____. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000a.
- _____. Gender, Black Feminism, and Black Political Economy. In *ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, n. 568: v. 41, pp 41-53, 2000b.
- _____. *Black Sexual Politics: African Americans, Gender and the New Racism*. New York: Routledge, 2004.
- _____. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. NO PRELO. Traduzido por Bianca Santana para a Revista Parágrafo, da FIAM, 2017
- COOPER, Frank Rudy. Against Bipolar Black Masculinity: Intersectionality, Assimilation, Identity Performance, and Hierarchy. *University of California*, vol. 39, n. 2, 2006
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, vol. 43, n. 124, pp. 1241-1299, 1993
- _____. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics, *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1, pp. 139-167, 1989
- COATES, Ta-Nehisi. *Between the World and Me*. New York: Spiegel & Grau, 2015
- DAVIS, Angela. Estupro, Racismo e o Mito do Estuprador Negro In: *Mulheres, raça e classe*. (Trad. Heci Regina Candiani – 1º Ed. São Paulo, Boitempo, 2016
- DU BOIS, W.E.B. (Willian Eduard Burghardt). *As almas da Gente Negra*; tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda ED, [1902] 1999
- ELLISON. Ralph Homem Invisível. Editora Marco Zero, 1999. GORDON, Lewis. R. *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought*. A Fordham University Press Publication. 2015
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Edufba, 2008
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995
- FERGUSON, Ann Arnett. *Bad Boys: public schools in the making of black masculinity*. The University of Michigan, 2000
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes (no limiar de uma nova era)*, vol 1 e 2. São Paulo: Globo, [1964] 2008.

- _____. O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo: Globo, [1972] 2008
- FIALHO, Fabrício. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf. Acesso em: 10 jan. 2006
- FIGUEROA-PEREA, Juan. La Representación Social de los Varones en Estudios sobre Masculinidades y Reproducción: un muestrario de reflexiones. In MEDRADO, Benedito. et al. (Orgs.) Homens: tempos, práticas e vozes. Recife: Instituto Papai/Pegapacapá, p. 22-34, 2004
- FIGUEIREDO, Angela. Novas Elites de Cor: estudo sobre profissionais liberais negros de Salvador. São Paulo: Annablume/UCAM, 2002
- _____. A classe média negra não vai ao paraíso: trajetórias, perfis e negritude entre os empresários negros. Tese de Doutorado não publicada. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2003
- _____. Fora do Jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. Cadernos Pagu (23), Julho-dezembro, pp. 199-228, 2004
- GATES Jr. Henry Louis. Thirteen Ways of Looking at a Black Man. In BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL (ed.) Traps: African American Men on Gender and Sexuality. (pp. 223-235) Indiana University Press, 2001
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, C. E. Afro-Asiáticos, 2001
- _____. Entre Campos: Nações, Culturas e o fascínio da Raça. São Paulo, Annablume, 2007
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984
- _____. Por um Feminismo Afrolatinoamericano. In: Mujeres, Crisis e Movimiento: América Latina y el Caribe, Isis Internacional, Vol. IX, 1987.
- GRAY, Herman. Black Masculinity And Visual Culture. Callalo, vol. 18, n. 2, (Spring) p. 401-405, 1995
- HALL, Stuart. Race, the Floating Signifier. Media Education Foundation. <http://www.mediaed.org/cgi-bin/commerce.cgi?pread=action&key=407>, 1990
- _____. Race, Articulation and Societies Structured in Dominance. In Sociological Theories: Race and Colonialism. Paris: UNESCO, p. 305-345, 1980.
- _____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997a.
- _____.(org.) The Work of Representation. In: Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage Publications, pp. 15-63, 1997b
- hooks, bell. Talking back: thinking feminist, thinking black. Boston: South End Press, 1989
- _____. Postmodern Blackness. In Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics. Boston: South End Press, p: 624-631, 1990
- _____. Essentialism and Experience. American Literary History, v. 3, n. 1, p. 172-183, 1991
- _____. Black Looks: race and representation. Boston: South End Press, 1992
- _____. A Revolution of Values: the promise of multi-cultural Change. In The Journal of Midwest Modern Language Association, vol. 26, n. 1, p. 4-11, 1993
- _____. An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional. In Lenox Avenue: A Journal of Inter-Arts Inquiry, vol. 1, pp. 65-72, 1995
- _____. Feminist Theory: from margin to center. New York: South and Press, [1984] 2000.
- _____. Where we stand: class matters. New York: Routledge, 2000a

- _____. *Feminism is for Everybody*. Cambridge: South end Press, 2000b
- _____. *We Real Cool: black man and masculinity*. New York: Routledge, 2004
- _____. Ensinar novas paisagens, novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 (3): pp. 857-864, 2008
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal (Belo Horizonte/Rio de Janeiro, UFMG/Iuperj/Ucam), 1979
- HAYWOOD Chris; MAC AN GHAILL, Mártín. What's next for masculinity?' Reflexive directions for theory and research on masculinity and education, *Gender and Education*, vol. 24, n. 6, p. 577-592, 2012
- IKARD, David. "Love Jones: A Black Male Feminist Critique of Chester Himes's *If He Hollers Let Him Go*". *African American Review*, vol. 36, n. 2, pp. 299-310, 2002
- JACKSON, Ronald & DANGERFIELD, Celnisha. Defining Black Masculinity as cultural property: toward an identity negotiation paradigm. In: Jackson RLII (ed.) *African American Communication and Identities*. Thousand Oaks, CA: SAGE, 197-208, 2004
- JOHNSON, Charles. A Phenomenology of the Black Body. In *Traps: African American Men on Gender and Sexuality*. BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL (Ed.), Indiana University Press, p. 223-235, 2001.
- KILOMBA, Grada. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Berlim: Unrast, 2008
- LAYMON, Kiese. *How to slowly kill yourself and others in America*. Chicago: Bolden, 2013.
- MACHADO, Lia Zanota. Masculinidades e Violências: Gênero e mal-estar no Sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa. (org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.
- MCCALL, Leslie. The Complexity of Interseccionality. *Signs*, Vol. 30, n. 3 (Spring), pp. 1771-1800, 2005.
- MERCER, Kobena. Reading Racial Fetishism. In HALL, Stuart (org.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, p. 153-164, 1997.
- MEDRADO, Benedito. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. In BLAY, Eva Alterman (org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Academica, p. 55-74, 2014
- MOURA, Clovis. *Sociologia do negro Brasileiro*. São Paulo. Ed. Ática. 1988
- _____. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo. Editora Anita Garibaldi., 1994
- NEAL, Mark Anthony. *New Black Man*. New York: Routledge, 2005
- FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva A. (org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-104, 2014
- _____. Por que Fanon? Por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos: UFSCar, 2015. 260 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. 2015.
- OUZGANE, Lahoucine e MORRELL, Robert , eds. *African Masculinities: Men in Africa from the Late Nineteenth Century to the Present*. New York and Basingstoke: Palgrave Macmillan, pp. 308, 2005.
- PACHECO, Ana Cláudia. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador : EDUFBA, 2103
- PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. *Cadernos Pagu* n. 38, p.159-195, 2012

- _____. The Black Male Body and Sex Wars in Brazil. In *Queering Paradigms: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms*. LEWIS, E.; BORBA, R.; FABRICIO, B.; PINTO, D. (Orgs.), vol. 4, p. 301-321, 2014a
- _____. Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. *Revista Universitas humanística*, n. 77, (enero-junio), pp: 227-250, 2014b
- POWELL, Kevin. The sexist in Me. In BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. (Ed.) *Traps: African American Men on Gender and Sexuality*, Indiana University Press, p. 221-223, 2001
- RACIONAIS MCs, Negro Drama. CD. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo. 2002. disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/negrodrama.html>, acesso em 25/06/2017
- RAMOS, Guerreiro. Patologia Social do Branco Brasil. In *Introdução crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRG, pp. 215-240, 1995.
- ROSA, Wladimir. Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro. Brasília: Dissertação de mestrado em Antropologia não publicada Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2006.
- SAFFIOTI, Helleith. O Poder do Macho. São Paulo: Editora Moderna, 1987
- SANTOS, Joel Rufino. Movimento negro e crise brasileira, Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras. In: SANTOS, Joel Rufino e BARBOSA, Wilson do Nascimento (org.), Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994
- STAPLES, Robert. Masculinity and Race: The Dual Dilemma of Black Men. *Journal of Social Issues*, Vol. 34, n. 31, 1978
- _____. Black masculinity: the black male's role in American society. San Francisco: Black Scholar Press, 1982
- SOUZA, Neusa dos Santos. Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SOUZA, Raquel. Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- SOUZA, Rolf Ribeiro. As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Forum Identidades*, Ano 3, Vol. 6, pp. 97-115, 2009.
- SUMMERS, Martin. Manliness & Its Discontents: the black middle class & the transformation of masculinity 1900-1930. The University of North Carolina Press, 2004
- WEST, Cornel. *Kepping Faith: Philosophy and Race in America*. New York, Routledge. 1993
- _____. *Questão de Raça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. Black Sexuality: the taboo Subject. In BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. (Ed.) *Traps: African American Men on Gender and Sexuality*, Indiana University Press, p. 301-307, 2001
- WILSON, A. *Issues of Manhood in Black and White: An Incisive Look into Masculinity and the Societal Definition of Afrikan Man*, 2014

Alan Augusto Moraes Ribeiro: Professor Assistente A do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED-UFOPA). Doutor em Educação,

linha de pesquisa Sociologia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (PPGE-USP).

Deivison Mendes Faustino: Graduado em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Santo André (2005); Mestre em Ciências da Saúde/ Epidemiologia pela Faculdade de Medicina do ABC (2010) e Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCAR (2015). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo e integrante do grupo de pesquisa Laboratório Interdisciplinar Ciências Humanas, Sociais e Saúde.

Artigo recebido para publicação em: junho de 2017

Artigo aprovado para publicação em: julho de 2017

Como citar:

RIBEIRO, Alan Augusto Moares. FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, negro vida, negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas e suas diásporas”**. Rio de Janeiro, n°. 10, pp.163-182, Ano 04. ago. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.29392

